

FORMAÇÃO EM COOPERATIVISMO NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: estimulando a participação

*Diego Henrique Javara
Marcílio Ronaldo Garcia
Katia Hisamitsu
Regiane Galdino
Kely Akemi Kuriki
Eliezer Ferreira Camargo*

Resumo

Muitos dos trabalhadores que procuram a COOPER REGIÃO (Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis e Resíduos Sólidos da Região Metropolitana de Londrina) estão em busca de uma oportunidade de trabalho. Em um primeiro momento acreditam estar diante de uma tradicional relação de trabalho, a condição de assalariamento que é regida pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Entretanto, o trabalho numa cooperativa possui uma estrutura e funcionamento diferente dessa tradicional, inclusive com legislação própria. Assim, sempre se faz necessário uma formação com os novos cooperados, com o intuito de apresentar a proposta de trabalho da cooperativa, esclarecer suas normas e funcionamento, garantindo as devidas informações para adesão ao trabalho cooperativo. Atualmente, a cooperativa que conta com mais de 230 cooperados, divididos em 10 setores de trabalho, entre entrepostos, coleta e escritório. Todavia, apenas os 20 fundadores participaram de uma formação em cooperativismo. Essa situação expressou a necessidade dessa formação ser realizada com todos os cooperados, com o objetivo de sensibilizá-los para a responsabilidade dos sócios ante a cooperativa. De modo a estimular os cooperados para participação nos desígnios da cooperativa. A partir dessa demanda apresentada, o Programa Municipal de Economia Solidária de Londrina, o PROVOPAR-LD e a Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários, no intuito de cumprir os objetivos dessas instituições, proporcionaram a formação em cooperativismo na perspectiva da Economia Solidária para os cooperados da COOPER REGIÃO. Esse trabalho de assessoria na formação foi elaborado em conjunto entre os envolvidos, de modo que foi previsto a realização de oficinas semanais que primam por uma abordagem dialógica, com os seguintes temas: Economia Dominante/ Capitalista; Economia Solidária; Economia Solidária no Brasil e na região; Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR); Trabalho em grupo e Autogestão; Organização deliberativa e operacional da cooperativa; consumo consciente e solidário. Atualmente elas estão sendo realizadas em dois locais por vez, até que toda cooperativa seja contemplada, e, posteriormente sempre serão realizadas com os novos cooperados.

Palavras-chave: COOPER REGIÃO; catadores de resíduos sólidos; trabalho cooperado; Economia Solidária.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo expor por meio de sistematizações, levantamento de dados e orientação teórica, a Metodologia utilizada pelo Programa Municipal de Economia

Solidária de Londrina, o PROVOPAR-LD e a Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários, programa de extensão da Universidade Estadual de Londrina (INTES-UEL), na prestação de assessoria a COOPER REGIÃO (Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis e Resíduos Sólidos da Região Metropolitana de Londrina), no que tange a Formação em Cooperativismo na perspectiva da Economia Solidária. Com vistas a proporcionar aos grupos os mecanismos necessários para a efetivação da gestão coletiva do EES.

Tal capacitação se dá por meio de visitas ao local de trabalho, reuniões, oficinas, palestras e dinâmicas, por intermédio destes instrumentos, dá-se a possibilidade de aproximar os atores envolvidos na criação de outra forma de organizar a produção, o consumo e a distribuição, estes orientados pelos valores centrais que norteiam a Economia Solidária como a Autogestão, a Democracia, a Cooperação, dando centralidade ao ser humano, valorizando a diversidade, além do cuidado e respeito à Natureza.

Em primeiro momento para elucidar o conteúdo da formação iremos trabalhar um breve histórico da organização dos trabalhadores da coleta de resíduos sólidos, a parceria entre as entidades envolvidas no assessoramento, para então chegarmos às oficinas e ao conteúdo das mesmas. Por fim, trataremos nossas considerações finais acerca da formação realizada.

Breve histórico

O Movimento Nacional dos Catadores (MNCR) teve início em meados de 1999, a partir de um evento que reuniu catadores de materiais recicláveis e resíduos sólidos a nível nacional. Foi o 1º Congresso Nacional de Catadores que aconteceu em Brasília no qual promoveu através das articulações entre os catadores a organização do movimento nacional. Este movimento reuniu aproximadamente 1.700 catadores e catadoras. O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis é um movimento social que vem se organizando, em busca da valorização do trabalho do catador, com o objetivo de garantir o protagonismo popular e a ação direta popular, ou seja, a participação do trabalhador.

A coleta seletiva em Londrina inicia em 1996 até 2001, sendo realizada de porta em porta por famílias que estavam trabalhando em uma central de triagem e recebiam um valor fixo. O aterro de lixo era o local de trabalho dessas famílias e devido às questões ambientais houve mudanças. Iniciou a participação do poder público, e por parte do movimento dos

catadores, este movimento oportunizou para estes sujeitos a geração de renda, a princípio para um número reduzido de pessoas.

Verifica-se que a coleta seletiva existia em Londrina desde 1996, mas a inclusão dos catadores ocorreu em 2001, através da organização em ONGs, descentralizando a coleta. Com a atuação do poder público, a Prefeitura de Londrina realizou o treinamento dos catadores e fez a entrega dos sacos verdes, como forma de diferenciar esse novo modelo de serviço. Nesta época existiam CEPEVE (central de prensagem e vendas) e COMAREL (conselho das organizações dos profissionais da reciclagem dos resíduos sólidos de Londrina).

Estes tinham por finalidade fortalecer as ONGs e apoiar a parte organizacional, pensando na importância da formação e capacitação dos catadores. Por meio do poder público (Prefeitura de Londrina), veio a retirar 60 catadores do aterro e assinar um termo de ajuste (TAC), estes orientados a se alojar em ONGs, implantando o programa reciclando vidas, sendo institucionalizado o trabalho dos catadores, entre eles homens e mulheres que desenvolviam o trabalho de maneira precária e sem estruturação.

Diante das condições reais de trabalho houve uma intervenção administrativa, com o ingresso da CMTU, o objetivo foi pensar junto aos catadores a parte burocrática e articular entre as 26 ONGs um processo de capacitação das famílias, pensando na melhoria das condições de trabalho. Considerando que estas condições envolvem a segurança pública dos cidadãos de Londrina e observando os crescentes casos de dengue no Estado do Paraná, era preciso rever o armazenamento não apropriado dos materiais recicláveis.

Em 2008 com a crise no sistema econômico, firmou-se o contrato para que os catadores tivessem segurança no trabalho, neste momento a COOPER REGIÃO, encontra-se com o Programa de Economia Solidária, no qual ocorreram algumas articulações com as ONGs através de um chamamento do poder público e das ONGs, estas articulações impulsionaram o nascimento da COOPER REGIÃO em 2009 que se funda com o intuito de promover melhores condições de vida para as 102 famílias através do material reciclável.

A partir da demanda de formação em cooperativismo apresentada pela cooperativa no final de 2013, houve a retomada de assessoria pelo Programa de Economia Solidária, mas dessa vez com uma articulação que envolveu outras entidades.

A Parceria para formação

Muitos dos trabalhadores que procuram a COOPER REGIÃO (Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis e Resíduos Sólidos da Região Metropolitana de Londrina) estão em busca de uma oportunidade de trabalho. Em um primeiro momento acreditam estar diante de uma tradicional relação de trabalho, a condição de assalariamento que é regida pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Entretanto, o trabalho numa cooperativa possui uma estrutura e funcionamento diferente dessa tradicional, inclusive com legislação própria.

Assim, sempre se faz necessário uma formação com os novos cooperados, com o intuito de apresentar a proposta de trabalho da cooperativa, esclarecer suas normas e funcionamento, garantindo as devidas informações para adesão ao trabalho cooperativo.

Atualmente, a cooperativa¹ que conta com mais de 230 cooperados, divididos em 10 setores de trabalho, entre entrepostos, coleta e escritório. Todavia, apenas os 20 fundadores participaram de uma formação em cooperativismo. Essa situação expressou a necessidade dessa formação ser realizada com todos os cooperados, com o objetivo de sensibilizá-los para a responsabilidade dos sócios ante a cooperativa. De modo a estimular os cooperados para participação nos desígnios da cooperativa.

A partir da demanda apresentada pela COOPER REGIÃO ao Programa Municipal de Economia Solidária² desenvolveu-se uma articulação entre as duas entidades citadas, juntamente com o Provopar-LD³ e a INTES/UEL⁴. Por meio de reuniões desenvolveu-se a formação a ser realizada, e para sua construção considerou-se: os locais, metodologia a ser utilizada, e as características das instituições envolvidas.

Os locais escolhidos foram os próprios entrepostos, devido as seguintes características: facilidade de acesso dos trabalhadores; ser o ponto de referência do trabalho no território; a organização operacional e política da cooperativa. A coleta realizada na cidade é levada para o entreposto, local onde é realizada a separação do material que será destinado à comercialização, portanto, é o local que concentra os trabalhadores, assim, consideramos ser o melhor local para ser realizada a formação. E considerando que o entreposto possui toda uma organização diante da cooperativa, que envolve desde as rotinas de trabalho aos conselhos, se fez necessário reforçar essa relação entre a cooperativa e o entreposto.

¹ Dados quantitativos da cooperativa referentes a fevereiro de 2014.

² Programa Municipal de Economia Solidária nasceu em 2005, mas foi regulamentado pela lei municipal nº 10.523, de 2008. Possui o objetivo de apoiar iniciativas coletivas de geração de trabalho e renda.

³ Provopar-LD, pessoa jurídica de direito privado, desenvolve ações na área da assistência social, contemplando também a Economia Solidária.

⁴ Programa de Extensão da Universidade Estadual de Londrina que atua na assessoria de Empreendimentos Econômicos Solidários.

Para definição da metodologia a ser utilizada nas oficinas foi considerado: o tempo disponível e formas de participação e avaliação. A cooperativa conseguiu disponibilizar uma hora por semana nos entrepostos, considerando as rotinas de trabalho. Para trabalhar os conteúdos da formação optamos por uma abordagem que fosse problematizadora, que primasse pelo diálogo com e entre os trabalhadores.

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isso não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores (FREIRE, 2005, p.118).

Pelas oficinas terem um tempo determinado de uma hora, optamos por uma forma de avaliação que buscasse otimizar o tempo e mensurar a opinião dos trabalhadores frente as oficinas. Cada participante preenchia uma ficha estruturada com cinco avaliações, podendo também fazer sugestões escritas.

As instituições envolvidas possuem características que apontam limites e possibilidades na sua atuação. A INTES possui professores com uma carga horária semanal limitada, dependendo eminentemente de profissionais recém-formados e discentes extensionistas de graduação contratados por projetos de financiamento externo. O Programa Municipal de Economia Solidária é um serviço público vinculado a Secretaria de Assistência Social, todavia celebra convênio com o Provopar-LD para execução do Programa, com equipe técnica contratada via CLT. E a própria cooperativa depende da sua eficiência econômica para garantir a renda dos trabalhadores associados, por conseguinte, suas demais atividades, inclusive a formação. Observando as características citadas das instituições envolvidas citadas, optou-se por iniciar o trabalho pelos entrepostos Sul A e C, depois seria realizado no Norte A e B, e depois com os do Centro.

As oficinas de formação

Para proporcionar a formação em cooperativismo na perspectiva da Economia Solidária buscou-se oferecer uma serie de oficinas que envolvessem temas que permeassem cotidiano da cooperativa. A partir da demanda apresentada pela Cooper Região as entidades

que iriam proporcionar a formação construíram uma proposta, a partir das características da cooperativa. Essa proposta foi levada para reuniões entre todos os envolvidos e o quadro abaixo representa a sequencia de oficinas que constituíram a formação.

TABELA I – Oficinas realizadas nos entrepostos

Oficinas	Temas
01	Apresentação
02	Economia Dominante
03	Economia Solidaria
04	A Economia Solidária no Brasil e na Região
05	MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
06	O Trabalho em grupo e Autogestão
07	Cooper Região - Organização operacional
08	Cooper Região - Organização deliberativa
09	Consumo consciente e solidário

Fonte: Os autores

No primeiro encontro realizado nos entrepostos buscou-se apresentar o trabalho que iria ser realizado, mas também ouvir os trabalhadores quanto às expectativas com a formação e como se sentiam ante a cooperativa. Para apresentação de todos os presentes no valemos da dinâmica “raiz da vida”, com todos em círculo, uma planta iria passando para cada participante se apresentar, sendo que cada um, com a planta em mãos, deveria dizer como está sua vida hoje, de onde veio e quais seus sonhos. Assim buscamos conhecer um pouco de cada cooperado e também fazer com que nos conhecessem, identificando semelhanças e diferenças nas histórias de vida de cada um. Depois realizamos uma breve apresentação das entidades envolvidas e da formação, no que se refere às temáticas que abordaríamos nas oficinas, bem como esclarecemos eventuais dúvidas.

Na segunda e terceira oficina, foram abordadas as diferenças entre Economia Solidária e Economia Dominante. No primeiro encontro foi trabalhado o conceito de economia dominante/capitalista. Para isso, buscamos a interação com os cooperados através de uma dinâmica, na qual eles tiveram que responder a pergunta “O que o trabalho significa na vida das pessoas?”. Para a aplicação desta atividade, os presentes foram divididos em pequenos grupos para facilitar a discussão e estimular a participação de todos. Após a discussão, cada grupo apresentou suas considerações, dessa forma, foi possível visualizar a compreensão de todos acerca do questionado. Entre as respostas que obtiveram maior recorrência estão: a geração de renda; possibilidade de conquistar bens materiais; realização de sonhos; sentimento de dignidade; aprendizagem; também foi citado o trabalho do catador como sendo

de grande importância para a sociedade e meio ambiente. No segundo momento, novamente divididos em grupos foi solicitado aos participantes para refletir sobre a seguinte questão: “como é o mundo do trabalho hoje?” Em relação a esta pergunta, os cooperados colocaram que existem grandes problemas como: a informalidade; a dificuldade em se inserir no mercado formal de trabalho devido a preconceitos em relação à idade, gênero, cor, local de moradia, condição física; salários baixos; as muitas exigências em relação a escolaridade e qualificação; entre outros. Ao término das exposições foi sintetizado o conteúdo discutido durante o encontro e proposto a seguinte questão para reflexão a ser apresentado na próxima oficina: “existe alternativa para os problemas no modelo de trabalho atual?”.

No início da terceira oficina foi resgatado o debate do encontro anterior, lembrando as questões que foram problematizadas. O objetivo desta oficina era apresentar a Economia Solidária e o trabalho cooperativista como alternativa às dificuldades ocasionadas pelo modelo de trabalho na Economia Capitalista. No início da oficina, foi proposta uma atividade aos participantes denominada “dinâmica do cordão”, na qual, em dupla, os pulsos de uma pessoa são amarrados e cruzados com de outra pessoa e o desafio é se desvencilhar do outro sem arrebentar ou desamarrar o cordão, com esta dinâmica foi trabalhado a importância do trabalho cooperado e da reflexão conjunta para o direcionamento das decisões. Aqui, vale citar as características da Economia solidária.

A Economia Solidária é, portanto, toda forma de organização formada e gerida por trabalhadores que detém os meios de produção, com vistas a geração de trabalho e renda. Essa organização deve ser pautada em princípios de solidariedade e de autogestão. Entre os empreendimentos de economia solidária estão as cooperativas, as associações, as empresas autogestionárias e qualquer outro empreendimentos cujas características conferem com as descritas (IASKIO, 2007, p.59).

Para discutir os aspectos conceituais da Economia Solidária, buscamos utilizar uma segunda dinâmica. Para a realização desta atividade, foram distribuídos targetas com termos que se referiam a Economia Solidária e Economia Dominante, de forma a distinguir os valores desses modelos. Em grupo os cooperados deveriam refletir e apresentar a qual modelo de economia cada termo se enquadrava e por quê. Dessa forma foi possível esclarecer os princípios e propósitos da Economia Solidária em contraponto a Economia Dominante.

Ao trabalharmos o tema da Economia Solidária no Brasil e na região buscamos apresentar o cenário nacional e local, de modo que fosse possível perceber os atores

envolvidos no movimento dessa outra economia. Os presentes foram divididos em grupos, sendo que cada um trabalhou uma entidade ou segmento do movimento, contemplando a esfera pública, as entidades de apoio e fomento e os empreendimentos econômicos solidários. Depois, cada grupo apresentou para o coletivo o item trabalhado. Nesse sentido, cada grupo que apresentava passava um barbante para o próximo grupo a se apresentar, de forma que no fim das apresentações estava formada uma grande teia. Buscou-se que os trabalhadores conhecessem o panorama da Economia Solidária no âmbito nacional e local, mas também problematizar a articulação de todos que constituem o movimento.

Na oficina seguinte abordamos o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), enquanto movimento social que vem organizando os catadores pelo Brasil e prima pelo protagonismo popular da classe.

Por tratarmos do movimento da Economia Solidária e do movimento dos catadores de material reciclável, faz-se necessário abordarmos o que são os movimentos sociais.

"Definirei, assim, Movimentos Sociais como uma ação grupal transformadora (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)." (SCHERER-WARREN, 1984, p. 20).

A partir dessa concepção é possível notar que se trata de dois movimentos sociais diferentes, mas que possuem afinidade. Cada um possui sua organização, mas possuem convergências, e vale citar que dentre elas estão a autogestão e a oposição ao individualismo e competição, concebida como solidariedade e cooperação. Realizamos a dinâmica da "ciranda" nos entrepostos, onde todos os participantes de mãos dadas deveriam ficar de costas sem soltar as mãos. A atividade exigiu o diálogo entre todos na busca do objetivo comum.

Na oficina de trabalho em grupo e autogestão buscamos problematizar junto aos trabalhadores a importância de cada um para o coletivo, que é a cooperativa. Os presentes foram divididos em três grupos, sendo que cada um deveria encenar um eletrodoméstico, para depois apresentar a todos, que deveriam adivinhar o eletrodoméstico encenado. Mais uma vez atividade exigiu o diálogo entre todos na busca por um objetivo em comum.

O perigo de degeneração da prática autogestionária vem, em grande parte, da insuficiente formação democrática dos sócios. A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento

humano que proporciona aos praticantes. Participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura. É para isso que vale a pena se empenhar na economia solidária. Acontece que, até agora, grande parte dos cooperados se insere na economia solidária enquanto modo de produção *intersticial* (conceito que discutiremos adiante), ou seja, para se reinserir na produção social e escapar da pobreza. Muitos não chegam a apreciar as potencialidades da autogestão, aceitando-a, no máximo, como exigência coletiva para poder participar da cooperativa (SINGER, 2002, p.21).

Respeitar a opinião do outro, escutar e argumentar são ações inerentes a prática democrática, mas que no cotidiano não são estimuladas.

As oficinas sete e oito tiveram como objetivo trabalhar a estrutura organizacional da cooperativa. Abordar este tema se fez necessário para proporcionar ou retomar o entendimento que os cooperados possuíam em relação a organização operacional e deliberativa da cooperativa, assim como a administração. No primeiro momento, para contextualizar a importância que cada indivíduo possui na cooperativa, foi proposta a realização da “dinâmica dos balões”, na qual se distribuiu um balão para cada participante e todos deveriam tentar manter os balões no ar. No decorrer da atividade algumas pessoas foram convidadas a se sentar de forma que ficassem poucas pessoas com muitos balões. Em seguida, foi solicitado aos participantes que descrevessem as atividades de cada cargo da cooperativa. Os cooperados demonstraram conhecer as atividades, responsabilidades e deveres dos diversos cargos e funções da cooperativa, assim como a forma de remuneração de cada um. Por fim, foi realizado um debate valendo-se da dinâmica realizada no início da oficina, enfatizando que cada função é importante para o funcionamento da cooperativa e que o trabalho é realizado de forma coletiva.

Em relação a organização deliberativa, que envolve a diretoria, o conselho fiscal e conselho administrativo, buscou-se utilizar a mesma metodologia da oficina anterior, na qual os cooperados foram questionados sobre as funções que competem cada conselho e diretoria. Para facilitar a discussão, os participantes foram separados em pequenos grupos, sendo que cada um trabalhou um conselho e posteriormente apresentou a todos os participantes. Observou-se que muitos dos cooperados possuíam dúvidas, embora demonstrassem ter alguma ideia das funções dos conselhos. Salientaram que é necessário os setores para a resolução de problemas imediatos e para organização da cooperativa, mas que se sentem distantes das deliberações desses órgãos. No que diz respeito à Assembleia, os cooperados relataram ser o momento onde todos se reúnem para votar ou discutir sobre assuntos relativos a cooperativa e também é onde se apresenta dados da cooperativa como relatórios e balanços.

Para finalizar a oficina, propomos uma dinâmica, na qual cada grupo deveria montar uma apresentação teatral, que representasse uma atividade dos conselhos e assembleia.

Na oficina sobre consumo consciente e solidário foram abordadas questões como: a cadeia produtiva dos produtos, desde a extração da matéria-prima para sua produção até o descarte; a poluição do meio ambiente e como isso afeta as pessoas, o impacto gerado na sociedade por meio dos produtos que escolhemos consumir e a relação de consumo (necessidade vs compulsão).

O consumo solidário é aquele praticado em função do bem-viver coletivo e busca favorecer os trabalhadores envolvidos nos processos de produção de um bem ou serviço e manter o equilíbrio da natureza e dos recursos naturais. Para Mance(2009) o consumo solidário dá preferência para os produtos provenientes da economia solidária, pois a valorização social do trabalho e a geração de trabalho e renda, contribuem para a construção de sociedades mais justas e sustentáveis, combatendo-se a exclusão social e a degradação ambiental.

O estabelecimento da rede de consumo solidário provém de uma relação transparente entre todos os envolvidos na cadeia. Mance (2009) destaca o estabelecimento de preços justos e a comunicação entre os produtores, comerciantes e consumidores com o propósito de uma remuneração equitativa do trabalho e preços acessíveis ao consumidor.

Para fornecer embasamento para um posterior debate sobre o assunto abordado, foi exibido o documentário “História das Coisas” de Annie Leonard. Após assistirem o documentário, os cooperados, valendo de suas experiências pessoais fizeram alguns relatos sobre os muitos produtos que são descartados pela sociedade, assim como a destinação incorreta que é feita de alguns deles que são tóxicos e também da separação indevida, misturando material orgânico com recicláveis. Também foi levantada pelos participantes a necessidade de se ter mais ações para conscientizar a população da importância de se separar e reciclar o lixo gerado a fim de diminuir o impacto ambiental ocasionado pelos mesmos.

Em seguida, com o objetivo de recapitular todo o conteúdo trabalhado na formação, realizamos a dinâmica da “caça ao tesouro”, na qual, os participantes procuravam cartas (pistas) que estavam escondidas no local, para se chegar ao “tesouro”. As cartas estavam numeradas e cada uma continha uma pergunta sobre os conteúdos abordados nas oficinas anteriores, algumas cartas tinham instruções para a realização de uma atividade e outras traziam apenas uma mensagem que lembrava os princípios da Economia Solidária e trabalho cooperativista. Por meio dessa dinâmica, pode-se observar a evolução dos cooperados em

relação a participação das atividades, e a assimilação do conteúdo trabalhado durante as demais oficinas.

Na tabela abaixo, temos representado as avaliações de cada oficina por entreposto.

TABELA II – Avaliação das oficinas por entreposto

Avaliação	Oficinas															
	2		3		4		5		6		7		8		9	
	Sul A	Sul C	Sul A	Sul C	Sul A	Sul C	Sul A	Sul C	Sul A	Sul C	Sul A	Sul C	Sul A	Sul C	Sul A	Sul C
Ótimo	46%	75%	50%	39%	83%	59%	61%	90%	58%	77%	65%	62%	74%	61%	88%	64%
Bom	39%	21%	25%	33%	11%	27%	39%	5%	38%	9%	35%	19%	16%	28%	4%	24%
Regular	4%	0%	17%	22%	6%	14%	0%	5%	4%	9%	0%	14%	0%	6%	0%	0%
Ruim	0%	0%	8%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Péssimo	4%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	5%	6%	4%	12%
Rasuradas	7%	4%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	5%	0%	5%	5%	0%	4%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Os autores

Como é possível observar na tabela avaliativa das oficinas, houve uma recepção favorável dos trabalhadores a formação. Todavia, o desafio ainda está por vir, que é a prática cotidiana da participação nos desígnios da cooperativa.

[...] tomada de consciência não é ainda a conscientização porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 1980, p.26).

O trabalho realizado proporcionou a formação, mas dependerá dos trabalhadores a prática da autogestão.

Considerações finais

Como pudemos observar a conjuntura em que se insere a COOPER REGIÃO exigiu da mesma o esclarecimento de sua forma de gestão no intuito de fortalecer os vínculos entre cooperado e cooperativa, pois essa está assentada sobre uma outra lógica de mercado, que não a hegemônica da tradicional economia capitalista. Como vimos acima, lógica esta que dá centralidade ao humano no processo de produção, sob a ótica de princípios como a cooperação, a democracia e a autogestão. Assim, sob esta perspectiva é que foram elaboradas

as oficinas de formação em cooperativismo, a partir do acúmulo de saberes dos facilitadores das entidades PROVOPAR-LD e INTES/UEL em Economia Solidária e da demanda trazida pela diretoria da cooperativa. Com o intuito de gerar o debate em torno dos elementos que concernem o cooperativismo, fomentando a participação dos cooperados nos processos de decisão e estimulando novas práticas no cotidiano.

No entanto o trabalho exposto se encontra ainda em fase inicial, tendo tal conteúdo sido trabalhado em dois dos cinco entrepostos da cooperativa, assim não é possível avaliarmos com total clareza o resultado do trabalho desenvolvido, este que fica com a expectativa de instigar os trabalhadores na atuação efetiva de seus cargos, na defesa do seu referido direito ao trabalho e na prática autogestionária.

Referências

Contratação pública municipal de uma cooperativa de catadores: o caso da Cooper Região – cooperativa de catadores de materiais recicláveis da região metropolitana de Londrina - PR. / Fundación Avina [et al.]. – Salvador: Inspirar Ideias, 2012. 72p. il. graf. tab. (Série CATA AÇÃO; v.1). Disponível em: http://www.cataacao.org.br/wp-content/uploads/2012/11/Contrata%C3%A7%C3%A3o-P%C3%BAblica-de-Cooperativa-de-Catadores_S%C3%A9rie-CATA-A%C3%87%C3%83O.pdf. Acessado em: 20 jul. 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

IASKIO, Emerson Leonardo Schmidt. **O que é Economia Solidária?** In: BERGONSI, Sandra Suely Soares; LACERDA, Gustavo Biscaia de (Org.). Cooperativismo, Economia Solidária e Inclusão Social: métodos e abordagens. PROEC, UFPR, Curitiba, 2007. p. 49-65.

MANCINI, Euclides. **A Revolução das Redes.** Vozes, 2009

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais:** um ensaio de interpretação sociológica. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1984.

SINGER, Paul. **Introdução a Economia Solidária.** Perseu Abramo, 2002